ANÁLISE COMPARATIVA DA ORDEM DOS CONSTITUINTES EM RELAÇÃO AOS UNIVERSAIS DE GREENBERG DAS LÍNGUAS GUAJAJARA E ASURINÍ DO XINGU

Geisy Ellen Vicente Herculano¹

Diane Silva Santos²

Maria Luisa Freitas (Orientadora)³

Resumo: O artigo busca iniciar uma discussão sobre a análise da ordem dos constituintes das línguas Guajajara e Asurini do Xingu, as quais, como línguas indígenas, demonstram ordens características distintas do português. Ao tematizar essa problemática, a ideia é constatar se as línguas indígenas brasileiras seguem os padrões outrora delimitados por Greenberg referentes à ordem dos constituintes da sentença padrão. Abordando a partir da Tipologia Linguística, o nosso objetivo ao propor este tema de pesquisa é relacionar a ordem dos constituintes da sentença apresentados pelas línguas com os Universais de Greenberg, os quais são amplamente discutidos e aplicados para diversas línguas, assim como analisar se as ordens observadas nas línguas corroboram esses universais ou se divergem e como divergem. Para isso, utilizamos aqui o recorte feito pela tese de doutorado de Pereira (2009), assim como os estudos feitos sobre as línguas indígenas de Duarte (2007) e, como principal, a abordagem formalista de Greenberg (1963). E como se trata de uma pesquisa já finalizada, podemos observar que a partir dos poucos dados obtidos da língua os Universais ainda se mostram válidos a partir da análise desenvolvida no artigo referente, reafirmando que as línguas indígenas se fazem necessárias para uma compreensão de mundo maior a partir do linguístico.

Palavras-chave: Guajajara. Asurini do Xingu. Universais de Greenberg. Ordem dos Constituintes.

Abstract: The article seeks to initiate a discussion about the order analysis of the constituents of the Guajajara and Asurini languages of the Xingu, which as indigenous languages show different characteristics of Portuguese. In the thematization of this problem the idea is to verify if the Brazilian indigenous languages follow the standards previously delimited by Greenberg referring to the order of the constituents of the standard sentence. From the linguistic typology, our objective in proposing this research theme is to relate the order of the constituents of the sentence presented by the languages with the universal universals of Greenberg, which are widely discussed and applied to several languages, as well as to analyze if the orders observed in the languages corroborate these universals or diverge and how they diverge. For this, we use here the cut made by Pereira's doctoral thesis (2009), as well as the studies done on the indigenous languages of Duarte (2007) and the formalist approach of Greenberg (1963). And since it is a finished research, we can observe that from the few data obtained from the language the Universals still prove valid from the analysis developed in the article referring to it, reaffirming that indigenous languages are necessary for an understanding of the larger world from the linguistic.

Key words: Guajajara. Asurini do Xingu. Greenberg Universals. Order of Constituents.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos tipológicos faz-se presente em diversas áreas dos estudos linguísticos, como, por exemplo, na morfossintaxe, no léxico. Como afirmou Greenberg (1972) sobre a origem da definição da 'tipologia', a qual parte da hipótese de que as línguas naturais variam, sendo assim

1 Graduanda em Letras Bacharelado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: geisy.evh@gmail.com.

2 Graduanda em Letras Bacharelado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: dianesilva123@live.com.

3 Professora Doutora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: luafrei@gmail.com.

possível considerar pertencentes a elas pequenas categorias que podem ser analisadas separadamente, mas que se relacionam, permitindo então serem analisadas. Buscando uma implicação universal, Greenberg deu início a uma corrente conhecida como “Greenberguiana”, a qual visa um estudo genético das línguas.

Tendo como base a definição de Greenberg, iremos conhecer mais a fundo a cultura e classificação tipológica das línguas Guajajara, a qual por vezes é considerada como um dialeto da língua Tenetehara, mas que aqui reconheceremos como língua; e o Asuriní do Xingu, buscando uma leitura da ordem dos constituintes das frases e relacionando-os com os estudos propostos por Greenberg (1972).

Porém, o mais crucial neste trabalho é a ordem dos constituintes na frase, o que na linguística como termo mais geral chamado de “tipologias linguísticas” em que, por exemplo, a ordem SVO é mais comum, na qual em uma estrutura oracional em que o sujeito precede os outros elementos, seguido do verbo e por último o objeto, as línguas podem ser classificadas de acordo com a sequência desses elementos dominantes.

Além das referências utilizadas como base, por exemplo, Duarte (2007) e Greenberg (1972), buscamos aqui através desse aporte relacionar e encontrar similaridades entre as línguas, pois como foram classificadas, em primeira instância por Aryon Rodrigues, tanto do mesmo tronco quanto da mesma família linguística, é provável que compartilhem diversas semelhanças gramaticais.

2 HISTÓRIA E CULTURA DAS LÍNGUAS

2.1 Guajajara

Conhecer um pouco da história da comunidade Guajajara é buscar na memória a história do contato do branco com o povo indígena, pois o povo Guajajara foi marcado por aproximações com o povo branco envolvendo grandes revoltas, tragédias e, por vezes, recusas totais a esse contato. Durando, então, 380 anos, até que em 1901 houve a última “guerra contra os índios” na história brasileira, a qual se deu contra os garotos capuchinhos.

Mantendo-se ainda como um dos povos mais numerosos em sua região, os Guajajaras pertencem à família Tupi-Guarani e são situados em onze terras indígenas no estado do Maranhão, contam com uma população de 27.616 (SIASI/SESAI, 2014), de acordo com o ISA. Derivados do Tenetehára, eles compartilham a mesma origem com os Tembé, também derivados do Tenetehára, sendo então por muitos pesquisadores considerados portadores de um dialeto e não uma língua própria, o que não consideramos no presente artigo.

Conhecidos por “cuia de aço”, os Guajajaras produzem diversas ferramentas como instrumentos de trabalho, mas produzem também cestas para o uso doméstico e por vezes comercializando, assim como artes plumárias e adornos característicos da sua cultura. Para comercializar esses produtos com os brancos, os Guajajaras fazem uso de trocas materiais e monetárias, principalmente por objetos úteis para a sua comunidade que por vezes não podem produzir.

2.2 Asuriní do Xingu

Os Asuriní não possuíram o mesmo contato que os Guajajaras, pois em 1971, após o

contato com a Sociedade Nacional, os Asuriní do Xingu sofreram uma defasagem populacional drástica, contando apenas com 182 (SIASI/SESAI, 2014) indígenas após esse contato. Mas, o perigo de sua extinção sempre contrastou com uma extrema vitalidade cultural, manifestada na realização de extensos rituais, práticas de Xamanismo e um elaborado sistema de arte gráfica.

Assim como os Guajajaras, os Asurini do Xingu mantiveram uma relação com o branco tão estreita quanto, pois ocorreram vários confrontos nos quais os brancos atearam fogo nas aldeias dos índios, assim como vários desentendimentos no contato, mas os índios Asurini reagiram, eles saqueavam os brancos para obterem artigos de metal (facões, machados etc.), mas no ano de 1970 intensificou-se a presença dos brancos com a finalidade de contatar os grupos indígenas da região, decorrente de novas atividades econômicas como a mineração, agropecuária e projetos do governo em vista para os Asurini, em especial a construção da Rodovia Transamazônica.

2.3 Relações linguísticas

As línguas pertencentes à família linguística Tupi-Guarani (doravante TG) são compostas de uma grande similaridade, o que sugere que houve uma expansão muito rápida, pois, se fosse demorada, os traços linguísticos não seriam próximos, pois se encontrariam uma maior diferença no léxico das línguas, por sua característica mais volátil e adaptável. A família TG é constituída de aproximadamente 40 línguas, com uma distribuição territorial ampla na América do Sul.

Alguns dialetos já se encontram extintos, como o conjunto denominado de Tupinambá, embora ainda existam poucos falantes desse dialeto, principalmente em Pernambuco e na Paraíba.

Em se tratando do tronco Tupi, a família TG é a mais numerosa e representada, mas possui também outros nove desdobramentos, compostos por famílias que atualmente se resumem em uma língua apenas, e que muitas vezes abrangem um território restrito, contrastando com a variação da família TG, como afirma Mello (2000):

Apesar da família TG ser relativamente nova, a dispersão espacial dos seus povos foi muito mais ampla e rápida do que a das demais famílias do tronco Tupi. A hipótese sobre a região de origem dos Tupi-Guarani está diretamente ligada à distribuição espacial do tronco Tupi.

A figura abaixo compreende uma visão simplificada e classificatória do tronco Tupi, incluindo as línguas aqui analisadas, o Guajajara e o Asurini do Xingu:

Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>

3 A ORDEM DOS CONSTITUINTES NAS LÍNGUAS ASURINÍ DO XINGU E GUAJAJARA

3.1 Asuriní do Xingu

Para uma análise mais precisa da ordem dos constituintes, selecionamos seis categorias, amplamente analisadas e necessárias para compreensão da sintaxe de uma língua, neste caso, o Asurini do Xingu. Abaixo apresentaremos essas características comentadas e exemplificadas:

- Ordem do Verbo e do Objeto

A ordem que o verbo e o objeto se apresentam denota uma predileção natural da língua, não indicando, portanto, que a língua não possua outras formas de apresentação. Em se tratando da língua aqui analisada, o padrão do Asurini se constitui com o objeto precedendo o verbo. Como analisamos a seguir:

- 1) kujĩmaja u-djuka
mulher cobra 3-matar
‘a mulher matou a cobra’

Percebemos que o objeto, neste caso da sentença ‘cobra’, aloca-se em uma posição mais alta que o verbo, como em ‘maja’ que significa cobra se encontra mais à esquerda que ‘udjuka’ que é o verbo matar.

- Ordem do Sujeito e do Verbo

Outra ordem imprescindível na análise de constituintes é a relação existente entre sujeito e o verbo. No Asurini, o verbo precede o sujeito, de acordo com informações coletadas no site de pesquisa WALS – World Atlas of Language Structures Online (Atlas mundial das estruturas das linguagens, tradução livre), porém ao analisarmos o corpus utilizado por Pereira (2009) em sua tese verificamos que, na maioria das amostras que ela coletou, o sujeito precede o verbo, garantindo uma colocação SV. Como mostra o exemplo abaixo:

- 2) djedjawara a-etxak
1sg cachorro 1-ver
‘eu vi o cachorro’

- Ordem frasal: Sujeito, Verbo e Objeto

Assim como no tópico anterior, a ordem coletada no WALS foi a OVS, porém por conta do sujeito já ser confirmado como precedente ao verbo podemos modificar essa estrutura para OSV, como o exemplo mostra abaixo, lembrando que estamos analisando estruturalmente, sentenças simples e usuais:

- 3) kwa’i_ ipira u-py’yk
Nprpeixe 3-pegar
A O a-vt
‘Kwa’i pegou peixe’

- Genitivo e Nome

Como afirma Pereira (2009):

A Construção possessiva nessa língua é constituída por um possuidor e um possuído. A ordem é sempre possuidor - possuído. A relação que se estabelece entre os dois termos é de dependência e pode ser intermediada pelos relacionais. O possuidor é expresso por um nome ou pronome pessoal indistintamente.

E no exemplo notamos a tendência Genitivo – Nome:

- 4) kuji_ u-ka u-pyt
mulher 3refl-roça 3-capinar
‘a mulher capinou sua roça (dela própria)’

- Demonstrativo e Nome

O demonstrativo aparece junto ao nome núcleo funcionando como modificador, com a mesma morfologia que assume quando se coloca como núcleo de SN, a distinção ocorre apenas no nível sintático pela posição que ocupam no SN, como mostra Pereira (2009): “no primeiro caso, o demonstrativo ocorre na principal posição do SN, quando funciona como modificador, o demonstrativo antecede o nome núcleo”, como apresenta o exemplo abaixo:

- 5) kagakyva u-manu
Dem 3sg.M piolho 3-morrer
‘esse piolho morreu’
- 6) aukerãmutakagaukarukamuaha-w ne
dessa vez Part. Dem 3sg.M fim de tarde ir-CircFut
‘dessa vez, aquele só voltará no final da tarde’

No exemplo 5, vemos o demonstrativo atuando como modificador e no exemplo 6 ele se apresenta como núcleo de SN.

- Ordem de Adposição e Nome na frase

A ordem de adposição na língua Asurini se compõe por posposição, pois são elementos tradicionalmente ligados a um complemento, conhecido como objeto de posposição, podendo ser um pronome, demonstrativo, um nome simples ou até mesmo uma palavra interrogativa. Como vemos nos exemplos abaixo:

- 7) e- djatdjer-eve
2 sgII-vir 1sg Rel- Posp.
‘vem comigo!’
- 8) gaa’e ø-py’peaha-w arew (durante, ao longo de)
3sg.Mas Dêitico Rel- Posp ir -Circu durante o dia
‘Ele, aquele (menino) foi durante o dia’

3.1 Guajajara

- Ordem do Verbo e do Objeto

VO

Ordem do Sujeito e do Objeto

Assim como acontece com o sujeito, o objeto também precede o quantificador *we* e o dêitico *a?e*. Dessa maneira, se as partículas marcam a posição base do sujeito, deveriam estar a esquerda do DP objeto, entretanto, ocorrem à sua direita. Segue-se daí que então o objeto tem de estar numa posição derivada, fora do DP, mais precisamente em Spec-vP, afirmando então a

ordem objeto e sujeito, como mostramos abaixo:

- 9) wear kuda amo pira aʔe-a we no
3-trazer mulher outro peixe ela-ARG PL DISC
'Elas, as mulheres trouxeram outro peixe'

- Ordem do Sujeito e do Verbo

O verbo, no caso da língua Guajajara antecede o sujeito.

- Ordem frasal: Sujeito, Verbo e Objeto

A ordem padrão e predominante é a VSO.

- Genitivo e Nome

A ordem genitivo seguido de nome ocorre com predominância, pois há uma posse dos complementos dos sintagmas genitivos acerca dos núcleos nominais, os genitivos acabam sendo os possuidores. A relação genitiva se dá pela anteposição do NP-possuidor ao NP-possuído; esses NPs exibem marcas flexionais para indicar a adjacência ou não do complemento, principalmente nas orações independentes.

- 10) o-ʔok awa w-əkəŋ aʔe
3-tirar homem CORR-cabeça ele
'O homem arrancou cabeça dele mesmo'

- Demonstrativo e Nome

O substantivo, núcleo do NP, geralmente ocorre acompanhado por adjetivos, demonstrativos e nomes possuidores que se combinam sintaticamente no interior do DP, garantindo então a formulação do padrão demonstrativo seguido pelo nome.

- Ordem de Adposição e Nome na frase

O Guajajara também ocorre como posposição, como verificável também na família Tupi-Guarani, pois a posposição em certos contextos fonológicos do Tupi-Guarani pode produzir um -ĩ epentético no verbo, como, por exemplo, substituir-se à negação por padni quando este último é omitido.

- 11) ãn i-mĩ: padni ãn
eu IRR-bater NEG você
'Eu não vou bater em você'

Abaixo construímos uma tabela para uma fácil observação das semelhanças e diferenças

entre as línguas que pertencem à mesma família:

Tabela 1 - Comparação da ordem dos constituintes nas línguas Guajajara e Asurini do Xingu

Guajajara	Asurini
VO	OV
VS	VS
VSO	OVS
Genitivo- Nome	Genitivo – Nome
Demonstrativo- Nome	Demonstrativo - Nome
Posposição	Posposição

Fonte: Autoria nossa

Após essa análise dos dados, apresentaremos uma relação entre as ordens acima observadas com os Universais da Linguagem propostos por Greenberg (1972) em seu capítulo “Alguns universais de gramática com referência particular a ordem dos elementos significativos (tradução nossa)”:

1. Nas sentenças declarativas com sujeitos e objetos nominais, a ordem dominante é quase sempre uma na qual o sujeito precede objeto;
2. Em línguas com preposições, o genitivo quase sempre segue o nome governante, enquanto em línguas com posposições, o genitivo quase sempre precede;
3. Línguas com a ordem VSO dominantes são sempre preposicionais;
4. Com uma chance esmagadoramente maior, as línguas com ordem natural SOV são posposicionais;
5. Se uma língua tem a ordem SOV dominante e o genitivo segue o nome governante, então o adjetivo da mesma forma segue o nome;
6. Todas as línguas com ordem dominante VSO têm SVO como uma alternativa ou como a única alternativa básica de ordem;
7. Se em uma língua com ordem dominante SOV, há nenhuma alternativa de ordem básica, ou apenas OSV como alternativa, então todos os modificadores adverbiais do verbo precedem o verbo da mesma forma;

Dos universais acima citados todos são verificáveis através das análises aqui apresentadas, exceto o universal de número 3 que nós encontramos irregularidades nas duas línguas foi o de que em “todas as línguas VSO dominantes serem todas preposicionais”, mas podemos contestar essa afirmação quando vamos para o Guajajara, uma das línguas indígenas de nossa análise em que podemos ver que ela é uma língua SVO e que ocorre na frase como posposicional, pois essa relação de preposições/posposições, de modo geral, constitui uma classe fechada nas línguas naturais, aparecendo, de acordo com cada língua, ocorrendo como afixos ligados a nomes ou como morfemas livres acompanhando um sintagma nominal, verbal ou de alguma outra natureza.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto o Guajajara quanto o Asurini, por pertencerem à mesma família, compartilham

características muito próximas, e, como observamos na tabela, a única diferença é a ordem frasal das línguas, garantindo ainda um grau de parentesco facilmente verificável. Assim como as relações com os “Universais de Greenberg”, nas quais podemos ver uma incompatibilidade, que é quando verificamos se os universais realmente se sustentam diante da diversidade linguística existente, e aqui em foco as línguas indígenas brasileiras e que são um novo campo de provas para o teste da adequabilidade empírica e para o poder explanatório de várias teorias linguísticas.

E isso pode perceber na prática quando observamos alguns parâmetros de ordem frasal descritos no WALS e teses que serviram de apoio para comprovar por meio de exemplos o que ali estava descrito, ou que felizmente nos ofereceu novos dados, servindo para ampliar a necessidade de uma gramática mais detalhada das línguas indígenas, que pela natureza desta produção não nos permite realizar, mas, ainda assim, esperamos despertar o interesse de pesquisadores para o campo das línguas indígenas brasileiras.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, T. M. Língua Guajajara: Um estudo sobre a interferência e empréstimos da língua portuguesa. In: XIV Simpósio Internacional de Letras e Linguística, n. 1, v. 3, 2013. Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2013.

BENDOR-SAMUEL, D. *Hierarchical structures in guajajara*. Norman: Summer Institute of Linguistics, University of Oklahoma, 1972.

DIETRICH, W. Tipologia morfossintática da negação nas línguas do tronco Tupi. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, Campinas, v. 17, n. 1, p. 7-38. jan./jun. 2017.

DUARTE, F. B. *Ordem de constituintes e movimento em tembé: minimalismo e anti-simetria*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. *Estudos de morfossintaxe tenetehára*. Belo Horizonte: UFMG, FALE, 2007.

_____. CAMARGOS, Q. F.; CASTRO, R. C. Estruturas antipassivas em Tenetehára. *Veredas online – Sintaxe das línguas brasileiras*, Juiz de Fora, v. 1, 2014, p. 1-22.

GREENBERG, J.H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: *Universals of language*. Cambridge: MIT Press, 1963, p. 113-73.

MELLO, A. A. S. *Estudo histórico da família linguística Tupi: Aspectos fonológicos e lexicais*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2000.

PAULA, R. R. *Aspectos de morfossintaxe Shimakonde*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

PEREIRA, A. A. *Estudo morfossintático do Asurini do Xingu*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2009.

PRIA, A. D. Tipologia linguística: Línguas analíticas e línguas sintéticas. *SOLETRAS*, ano IV, n. 11, jan./jun. 2006, p. 113-121.

RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.